

CREEDENCE

Faz muito tempo o acontecido. Corria o ano da graça de 1969. Era uma daquelas tardes embaçadas de agosto no interior paulista, na velha Franca. Eu estava à toa no alpendre de casa à rua Júlio Cardoso vendo os poucos carros que passavam pelo centro da cidade quando apareceu um amigo da minha irmã Marilene com uns discos debaixo do braço. Era um moleque, o Fernando “Palito”, que é meu dentista hoje. Foi ele quem me apresentou a um conjunto de rock que eu não conhecia. Eram uns cabeludos esquisitos, de aparência caipira e meio sujos, a capa do disco era trash, uma foto estranha dos caras em meio a um lugar malcuidado. Era o Creedence Clearwater Revival.

Palito me emprestou o disco (como nos livros, na época havia dois tipos de trouxas em relação aos discos em vinil: os que emprestavam e os que devolviam) e pus para rodar na vitrola Garrard do meu pai. Fiquei extasiado com o som dos caras. Beatlemaníaco assumido, estava curtindo na época o “Álbum Branco”, com suas melodias acachapantes, tão lindas quanto as do “Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band” que o havia antecedido, era a primeira vez que ouvia um álbum duplo, uma beleza.

Mas o Creedence bateu fundo. Um cantor de voz rascante, uns banjos que duelavam de um jeito folk (o caipira dos americanos), um rock que causava furor pela simplicidade e pela batida que contagiava, além das guitarras esfuziantes, parecia que tinham bebido ou tomado na veia o *soul* das ruelas de New Orleans. O nome da banda californiana tem uma explicação maluca: é a junção do nome de um amigo de Tom Fogerty (o guitarrista do grupo) chamado Credence Nuball com um comercial da cerveja Clearwater e Revival, que simbolizava a união do grupo, que incluía ainda o guitarrista e vocalista principal John Fogerty (irmão de Tom), o guitarrista Stu Cook e o baterista Doug Clifford. Músicas como “Proud Mary”, “Up around the bend”, “Who’ll stop the rain”, “Travellin’ band” e outras logo se tornaram clássicos do roque & rola.

O tempo passou, o Creedence ganhou muitos prêmios, vendeu milhões de discos, mas como a juventude e outras coisas boas, acabou, parte por brigas internas, inclusive entre os dois irmãos John e Tom Fogerty. Mas como tudo se transforma aqui em Pindorama, o Guarani de Campinas, que hoje amarga a série B do campeonato nacional e a A2 do paulista, já lançou em seu elenco de futebol dois atacantes: George Harrison e Creedence Clearwater, grandes nomes do rock que, nesta república bananeira de janotas espertalhões que bebem cerveja em pés-sujos da periferia, não terminaram em Irajá como a Greta Garbo, mas viraram jogadores de futebol.

Mauro Ferreira é arquiteto